

## **FAMÍLIA, COTIDIANO E MULHER NOS BASTIDORES DAS GREVES METALÚRGICAS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO DOS ANOS 1978-1980**

*Dolores Pereira Ribeiro Coutinho<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo resgata elementos subjacentes ao universo dos grevistas do ABC Paulista dos anos 1980 no estudo das territorialidades. A documentação foi manuseada na procura de um perfil para a família metalúrgica, com uso de novos conceitos e abordagens da historiografia, constatando-se que existem muitas famílias operárias, que com suas respectivas representações, ultrapassam as condições sobre a funcionalidade para o capital e atingem o terreno do vivido humano, colocando-se no campo da cultura. A complementaridade de tarefas é essencial à sobrevivência do grupo familiar e se desenvolve nas esferas do cotidiano com a divisão social e sexual do trabalho. Contrapondo-se ao privado doméstico, há um público reconhecível, no qual sujeitos traduzem as experiências subjetivadas em ideias e ações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família metalúrgica. Cotidiano. Experiência.

**ABSTRACT:** This article rescues elements from the universe of strike workers of ABC Paulista on the 1980's in territorial studies. The documents were used in the search of a profile for the metallurgical family using new concepts and historical approach. It could seem that many working families and their respective representations exceeded the conditions of how the capital works and it reaches the cultural part. The supplement of these tasks is essential for the surviving of the family group and it develops on the day by day spheres, with the sexual

---

<sup>1</sup> Mestre em História e Doutora em Ciências Sociais pela PUC de São Paulo. Pesquisadora associada da Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande-MS.

and social division of the work. Contrasting to the private household, There is a recognized group of people in which they translate their experiences in actions and ideas.

**KEYWORDS:** Metallurgic family. Day by day. Experience.

### **O(s) caminho(s) da pesquisa historiográfica**

Quando tomamos conhecimento de uma mobilização de trabalhadores, a memória nos remete, quase que de imediato, às greves dos metalúrgicos no ABC paulista, que há 30 anos marcaram o início de uma nova fase no movimento sindical do Brasil.

Fazer abordagem historiográfica de eventos recentes foi, nos anos 1980 e 1990, uma tendência posta em universidades que assumiam em seus programas de pós-graduação uma postura mais progressista, mais próxima das temáticas emergentes, como foi a trajetória desses personagens, objetos de investigação durante a pesquisa para obtenção do título de mestre em História,<sup>2</sup> com o resgate da memória sobre o cotidiano desses operários e suas famílias.

A História Social reveste-se, na atualidade, do viver cotidiano, das territorialidades, sendo assim o tema família é retomado pelo viver diário dos seus membros, bem como das representações que fazem sobre a própria existência. Este é o papel do historiador: buscar no passado os elementos necessários ao entendimento do presente.

A proposta de fazer uma história que procura recuperar

---

<sup>2</sup> A dissertação oriunda da pesquisa intitula-se *Mulher e família na família na trajetória dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. 1970-1980* que defendida junto à PUC-SP em 26/08/1993 possui exemplar disponível para consulta em sua Biblioteca Central. RIBEIRO, Dolores Pereira Campos, *Mulher e família na trajetória dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. 1970-1980*. 1993. 91 folhas. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

personagens menos evidentes, a família e a mulher, esbarra na dificuldade de encontrar informações. Os dados disponíveis estão pulverizados em diversos suportes, fazendo com que o pesquisador utilize várias fontes e procure obter informações que possibilitem o manuseio e a interpretação do material coletado.

Dessa forma, utilizamos depoimentos obtidos por nós, em entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas pela pesquisadora, durante os anos de 1990-1992. A escolha dos depoentes se fez por amostragem não-probabilística intencional. Também, recorreu-se a trechos de entrevistas obtidas por outros profissionais, caso particular dos documentos recolhidos por Luis F. Rainho e dos outros existentes no Centro Ecumênico de Documentação e Informação-Cedi. Além destes, documentários (cinema) produzidos pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo-ECA/USP e Sindicato dos Metalúrgicos e uma farta documentação escrita: livros, revistas e jornais produzidos à época.

Nesta investigação, compreendemos que as greves foram fruto da experiência de vida, momento de emersão de laços de solidariedade e sociabilidade construídos no passado e vivenciados pelos operários e suas famílias durante o período em que os metalúrgicos grafaram novas letras na luta pela redemocratização do Brasil.

### **A família metalúrgica**

A família é o primeiro grupo social no qual o indivíduo se insere e por vezes amadurece absorvendo valores e habilidades necessárias para a vida em sociedade. A “experiência humana” é responsável pela interiorização de valores, dentro dela os homens e mulheres não são apenas indivíduos livres, “mas pessoas que experimentam suas situações e relações e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e cultura”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> THOMPSON, E.P. O termo ausente: a experiência. *In: A miséria da teoria*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.182.

Consciência e cultura manifestam-se no modo de vida, que ao ser abordado faz com que o sujeito histórico torne-se o portador de valores próprios, tradições e uma visão de mundo. Estudar as representações é fazer história, explicando o como das coisas, como a família metalúrgica viveu as décadas de 1970 e 1980 e não apenas as razões de ter vivido de uma determinada forma.

Para o estudo da família metalúrgica, alguns pesquisadores tentaram edificar uma teoria e um método científico. Nesse processo, a interdisciplinaridade e o uso da demografia forneceram novos recursos; os estudos acabaram por apreender a importância da família para a compreensão da sociedade e os pesquisadores não só adaptaram modelos comparativos, mas construíram metodologia própria de análise e modelos adequados ao caso brasileiro.

Surgem dificuldades conceituais quando se utiliza uma concepção única de família,

... resultado da transplantação e adaptação da família portuguesa tendo gerado um modelo com características patriarcais e com tendências conservadoras...”. Confusão e generalização de conceitos promovem a exclusão de outras formas de organização entre as diferentes classes de uma mesma sociedade.<sup>4</sup>

Na tentativa de fugir das generalizações, enveredamos pela questão dos valores e da cultura. Não vemos a família metalúrgica como sendo a adaptação de um modelo familiar construído pela burguesia europeia do século XVIII, a chamada “família moderna” que protegia a propriedade privada por meio do estreitamento de laços de consanguinidade e do controle rígido das relações sexuais; este modelo não permite visualizar os mecanismos internos de manutenção do grupo.

O objeto de investigação necessita de uma metodologia própria que consiga fazer emergir não apenas o viver diário, mas

---

<sup>4</sup> SAMARA, Eni de M. *Tendências Atuais da história da família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, p. 25-35.

a forma como esse viver se transporta para o imaginário e vai orientar ações futuras, pois não há um modelo preestabelecido, não existe uma uniformidade. O que encontramos como família, junto aos trabalhadores, é um grupo de pessoas unidas por laços sanguíneos e sociais que se autodenomina “família” “... só três criança, eu tenho, duas... Três com que vai vim. Tem eu, tem a mãe, essa garota, tem um garoto, tem meu marido...”<sup>5</sup> ou uma referência ao grupo de origem, “Independentemente, de vez em quando havia um problema com a família dela (esposa)”.<sup>6</sup> Qualquer que seja o caso nota-se um apego muito grande entre os operários e suas famílias.

Escrevendo sobre os estudos da família em nossa sociedade, Eunice Durham<sup>7</sup> afirma que os operários brasileiros não só são apegados à família como também preferem a divisão sexual do trabalho nos moldes tradicionais com a subordinação da mulher ao homem e a restrição de suas atividades ao espaço doméstico. Para a autora, explicações que circularam em torno da origem rural desses trabalhadores e da conseqüente preservação de valores culturais do meio anterior não esclarecem os reais motivos, já que o “apego” não é um fenômeno peculiar aos trabalhadores brasileiros. A reflexão sobre a ótica da produção deu-se com o aparecimento do trabalhador livre e a destruição da família como unidade produtiva a partir do que os membros vendem, individualmente, a força de trabalho, fazendo da família o seu local de reprodução.

Retomando estudos sobre a produção e reprodução das condições de produção, Durham (1980) afirma que nesses trabalhos a família é estudada também na perspectiva do consumo. O estudo da família precisa ultrapassar as condições

---

<sup>5</sup> Depoimento da esposa de um metalúrgico em: *GREVE*. Direção: João B. de Andrade, São Paulo: ECA/USP e SMSBC, 1979, 1 filme (37 min.).

<sup>6</sup> Depoimento de Milton C. Bacarin, metalúrgico aposentado, casado, trabalhou na VolksWagen durante a década de 1970. Forneceu dois depoimentos à pesquisadora em 01 jul. 1991 e 19 nov. 1991.

<sup>7</sup> DURHAM, Eunice R. A família operária: consciência e ideologia. In: *Dados: revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: IUPERJ/ Campus, 1980. p. 201 - 213.

sobre a funcionalidade para o capital – barateamento ou encarecimento do custo de reprodução do trabalho – até atingir o terreno do “vivido humano”, colocando-se no campo da cultura.

A partir da definição das próprias necessidades, que são socialmente construídas, a família elabora um plano para consumir. As estratégias utilizadas são das mais variadas, como a inserção de um membro da família no mercado de trabalho ou a execução de atividades auxiliares, que não produzem mercadorias, mas possibilitam a utilização dos produtos adquiridos no mercado. Esta complementaridade de tarefas, essencial à sobrevivência do grupo familiar, foi analisada por Eunice Durham ao escrever que:

A referência do trabalho à família implica em reconhecer a complementaridade entre o trabalho assalariado (trabalho social produtivo) e as tarefas domésticas...

E considerando a complementaridade entre estes dois tipos de atividades que se pode apreciar o significado dos diferentes tipos de trabalho e sua identificação com os papéis sociais específicos que orientam a divisão do trabalho no seio da família. A vida familiar aparece assim como a elaboração de uma estratégia que... está montada sobre uma divisão sexual do trabalho... em função da manutenção da complementaridade entre trabalho doméstico e venda da força de trabalho.<sup>8</sup>

A divisão sexual do trabalho atua como definidor de lugar social, na medida em que os operários e suas esposas comungam, em sua maioria, da ideia de que cabe ao homem prover os recursos e à mulher utilizá-los adequadamente. A fala de Silvano Urbino<sup>9</sup> demonstra orgulho quando diz que sua mulher nunca precisou trabalhar fora, e mesmo assim conseguiu educar um filho que, aos dezessete anos, estava matriculado em uma consagrada escola técnica da região.

---

<sup>8</sup> Idem, p. 208.

<sup>9</sup> Depoimento de Silvano Urbino. *Ligaçã*o n. 01, mai./jun./jul./ 1989.

Na ordem patriarcal, a desigualdade de gênero não aparece como problema na reprodução social. Os operários entendem ser justa a divisão de tarefas, ao homem compete ganhar o necessário para a manutenção da família e a mulher fica responsável pelo cuidado da casa e a educação dos filhos. Caso ela não cumpra bem o seu papel, não haverá como o grupo sobreviver com os ganhos do marido, estes não permitem desperdício de qualquer ordem. Da mesma forma que o trabalho na linha de montagem, se um dos membros do grupo doméstico não desempenhar bem suas atribuições romper-se-á a cadeia.

### **O cotidiano e as estratégias de sobrevivência**

O cotidiano da família operária é permeado de elementos que, a princípio, seriam contraditórios, mas que em análise mais acurada são complementares, um exemplo disso são as formas como a vida pública e a vida privada se interpenetram.

Dada a complexidade da realidade social, não podemos utilizar os termos privado e público na acepção da Antiguidade Clássica, correspondente a política e família. O conceito de público possui um caráter muito mais amplo do que político. O espaço público é aquele em que as ações humanas são vistas e ouvidas por todos, são os locais onde as experiências se coletivizam a partir da solidarização. Particularmente no caso dos metalúrgicos do ABC, o espaço público serve, também, como local em que se constrói uma rede de solidariedade.

Em oposição ao público, surge um espaço mais reservado: o privado. A família tornou-se privatizada ao longo dos últimos dois séculos. Esse processo iniciou-se com sua confinamento em um espaço físico mais reservado – pelas modificações na arquitetura, com a retirada do espaço doméstico e a intervenção de profissionais da saúde e assistentes sociais.

Atualmente, família e doméstico pertencem ao domínio do privado, contudo a família é um coletivo, é o espaço público dos seus membros, local onde as ações individuais são vistas e ouvidas por todos. A verdadeira privacidade só existe na

individualidade e as mudanças caminham no sentido da privatização do privado.

A história do cotidiano, que reúne as esferas do público e privado, apresenta-se como outra história, na medida em que incorpora personagens até então anônimos e faz emergir tensões sociais recônditas. Os novos personagens, portadores de experiência, possuem valores e ideias que engendram determinadas ações.

Escreve Le Goff<sup>10</sup> que no cotidiano está presente a memória capaz de inserir o sentimento de duração no indivíduo e na sociedade, despertando assim sensações de permanência e mutabilidade. Compete ao historiador revestir de cientificidade o vivido cotidiano, pois como representação do mundo é autêntico ao atribuir a cada sujeito um papel no funcionamento de sistemas que correspondem a realidades.

O cotidiano das famílias metalúrgicas corresponde ao viver diário dos seus membros. Composto pelo trabalho e vida familiar é o local onde se desenvolve um modo de vida, uma vez que a vida cotidiana é, no dizer de Agnes Heller,

a vida de todo homem ... É a vida do homem inteiro: ou seja o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em funcionamento todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias... A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea... São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso...<sup>11</sup>

O cotidiano distribui-se nas diferentes esferas que compõem as vidas pública e privada. Identificamos as várias atividades dos

---

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. A história do cotidiano. In: *História e Nova História*. 2. ed. Lisboa: Teorema, 1989.

<sup>11</sup> HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 17-18.

membros das famílias dos operários e as agrupamos em três diferentes conjuntos. Os conjuntos ou segmentos são denominados por Agnes Heller de “esferas do cotidiano”.<sup>12</sup> A manutenção do termo permite uma composição de forma contínua, onde cada esfera está contida num espaço circunscrito, uma vez que não está presente a ideia linear da reta como concepção geométrica.

As esferas do cotidiano tornam-se, portanto, espaços delimitados de ação que, pela interpenetração, adquirem áreas de intersecção entre o público e o privado em que, por um processo osmótico, trocam elementos.

A vida privada se desenvolve num espaço próprio, retirado da publicidade do mundo, é o espaço doméstico que possui uma conexão com o público por meio da dependência existente face às esferas do trabalho e troca de produtos, corresponde a uma primeira esfera do cotidiano das famílias metalúrgicas. A casa não existe como algo padronizado, varia em função da renda familiar, do número e idade dos filhos ou do tempo que residem na cidade de São Bernardo do Campo.

O cotidiano das famílias metalúrgicas ultrapassa os limites da casa e atinge uma redondeza onde se encontram bens e serviços, sem os quais a família não sobreviveria. Esse espaço compõe a segunda esfera, um coletivo próximo, um espaço público reconhecível que é o bairro.

José G. Magnani dedicou um trabalho ao estudo desse espaço e utilizou um termo mais abrangente que bairro: o “pedaço”. “... aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica... para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo...”<sup>13</sup>

No pedaço estão o telefone público, o boteco, a escola, a igreja, centro espírita, o posto de saúde, o campinho de várzea, as amigas mais próximas, o clube de mães, a associação de moradores e a

---

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> MAGNANI, José G. *Festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 138-148.

rede de solidariedade, sem a qual a sobrevivência da família seria impossível. A família mora na casa, mas vive no pedaço.

Para além do pedaço encontramos a terceira e última esfera do cotidiano dos membros da família metalúrgica, que corresponde à fábrica e organização do trabalho, denominada por nós de espaço de produção. Percebemos esta como uma instância pública, na medida em que, como escreve Eder Sader, o espaço público é o local de “convivência formado por encontros diários sem a incidência política direta, local onde se forma um público, pelo intercâmbio de comentários, informações, histórias”.<sup>14</sup>

Sendo assim, a fábrica é um espaço público, uma vez que pode ser um local de deliberação conjunta sobre questões comuns. Embora possua um proprietário, ela é alvo do controle do Estado ao mesmo tempo em que dentro dela emerge a luta por direitos.

As três esferas do cotidiano, aqui caracterizadas, articulam-se num processo constante de intercomunicação e interpenetração. A família torna-se um núcleo constante de tensões e conflitos, pois a realidade das condições materiais de existência e das imposições da organização do trabalho fabril choca-se com os anseios e vontades dos integrantes do grupo doméstico.

A experiência familiar, pautada em decisões coletivas, possui uma relação com o tempo, na medida em que desenvolve mecanismos para a garantia da sobrevivência ao lado da consecução de um projeto de vida. Contou-nos a esposa de um operário, dona Nair que:

morava no fundo do quintal de uma casa de uma tia minha... Aí eu morei dois anos, depois de um ano e meio veio a Valéria... Meu marido tinha dois terreno quando casou. Veio a Valéria e um quarto só para três era muito apertadinho. Aí eu falei pro meu marido: – Não é justo a gente tê carro, tê terreno e pagando aluguel. Então meu marido falou assim: –vamo vendê um terreno e vamo construí.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 118.

<sup>15</sup> Depoimento de Nair T. Bernardes em 21 nov. 1991. A depoente é

Mais do que uma decisão familiar este depoimento coloca presente a mulher/esposa que pela sua prática e vivência, possui argumentos suficientes para influenciar o marido na decisão de construir a casa própria.

Mesmo com toda essa força, as mulheres pouco aparecem e quando presentes possuem o caráter de apêndice do homem. Esse tratamento não é exclusividade dos estudos sobre os movimentos grevistas de 1978-1980, mas ocorre em toda a parte do mundo, é o que nos aponta June Hahner:

... qualquer estudo das obras de história em qualquer parte do mundo indica claramente que de modo geral, as mulheres estiveram ou ausentes ou mal-interpretadas nesses estudos históricos, cabe-nos perguntar por quê. Por que os historiadores não deram à mulher o crédito devido aos papéis por elas desempenhados no desenvolvimento de seus países? Afinal sem a mulher, a história, como tem sido escrita em seu sentido mais amplo, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta. A mulher é essencial para o alcance de uma visão equilibrada e multidimensional da realidade passada e presente.<sup>16</sup>

Fazer uma história correta implica em falar do cotidiano feminino. Isso não se dá de forma impessoal, sob uma pseudoalegação de neutralidade, pois se trata de uma mulher que pretende contar a história de outras mulheres. Nesse artigo presencia-se a vivência do gênero, já que “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade”.<sup>17</sup>

---

dona de casa, esposa de Fábio Bernardes, (membro da Associação dos Metalúrgicos Aposentados) que participou do movimento operário 78-80. Concedeu dois depoimentos a esta pesquisadora, em 21 nov. 1991 e 18 mar. 1992.

<sup>16</sup> HÁHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. 1981, p. 13.

<sup>17</sup> PERROT, Michele. *Práticas da memória feminina*. In: *Revista Brasileira de*

Podemos perceber na fala (abaixo) da operária Maria Mendes, o sentimento de quem se transferiu do interior da Bahia para São Paulo, na juventude, em busca de uma independência, do romper com diferenças de tratamento existentes na família de origem. Contudo, as desigualdades permeiam outros espaços e podem ser percebidas, por exemplo, do tratamento a que foi submetida, a mesma mulher, quando engravidou.

... eu sempre percebi que a diferença era enorme, tratamento do filho para a filha, as filhas mulheres que tinham que fazer as coisas, lavar roupa, [...] eu sempre tinha muita revolta [...] eu vim pra cá, eu ia fazê um ano quando fiquei grávida, mas eu comecei a perceber que não tinha essa mesma história com o pai solteiro...<sup>18</sup>

A fala demonstra uma controvérsia de sentimentos, ao mesmo tempo surgem revolta, fragilidade e força. Surge então uma interrogação: como é a mulher na realidade operária?

Parece haver uma discrepância entre a realidade de vida e uma imagem mística da figura feminina. Na família operária, a mulher é ao mesmo tempo filha, esposa, mãe e muitas vezes pai. A mulher, dentro da família, acaba delineada em função da existência de outras pessoas, como o pai, os filhos e até mesmo os agregados. Suas atribuições variam muito em decorrência do fato de trabalharem ou não fora de casa.

Nas tarefas de cuidado da casa e educação dos filhos é muito pequena a parcela de auxílio e ou assunção de responsabilidade que presta a figura masculina, o homem acaba se distanciando também da criação dos filhos:

---

*História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero. v. 09 n. 18, 1989, p. 09-18, ago. 1989/ set. 1989.

<sup>18</sup> Depoimento colhido pela pesquisadora em 21/05/92. Maria Mendes é ex-metalúrgica e na época do depoimento era membro da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de São Bernardo do Campo.

A Patrícia nasceu, até quatro anos de idade eu praticamente não conhecia a Patrícia... Porque eu saia de casa ela dormindo, eu voltava ela estava dormindo... Os horários não dava.<sup>19</sup>

Ele trabalhava. Até hoje, tudo ela fala 'mãe eu quero isso'... Eu que participo mais do que ele... Acho que os filhos se apega mais a mãe que ao pai, o pai, urna boa parte, ele não tá junto com os filhos, entende.<sup>20</sup>

Os depoimentos mostram, ao mesmo tempo, uma intersecção das esferas domésticas, da produção e a internalização de valores relativos à divisão sexual do trabalho, pois os pais tornam-se ausentes não apenas pelo trabalho na fábrica, mas pelo fato de que serviço doméstico não é, no entender deles, sua atribuição. Com isso muitos filhos, mesmo quando já crescidos, recorrem à mãe para atender às suas necessidades.

Quando a mulher trabalha fora surge um complicador adicional da figura de mãe, este diz respeito ao cuidado dos filhos durante a ausência e o acúmulo do serviço doméstico. Por essas razões, grande parte dos operários se mostra contrária ao trabalho feminino fora de casa. Os argumentos passam pela baixa remuneração e pelo abandono da casa e dos filhos.

Os baixos salários não permitem a contratação de uma pessoa para fazer o serviço doméstico, por isso mulheres operárias reivindicam creches públicas, ao mesmo tempo em que desenvolvem estratégias como deixar os cuidados dos filhos a cargo de parentes ou vizinhos.

Uma vez que ser mulher implica diretamente em assumir o trabalho doméstico, as que trabalham fora possuem uma sensação de exploração, pois quando deveriam descansar após um dia de trabalho, elas precisam lavar, passar e cozinhar. A responsabilidade de cuidar dos filhos parece ser a tarefa mais penosa, é o que conta uma operária ao ser entrevistada pelo

---

<sup>19</sup> Trecho do já citado depoimento de Milton C. Bacarin em 19/11/91. .

<sup>20</sup> Trecho do já citado depoimento de Nair T. Bernardes em 21/11/91.

jornal a Tribuna Metalúrgica: “quem tem criança reclama porque não dorme à noite, a criança não deixa, chora, está doente... E aquele problema, tem que tomar conta do filho”<sup>21</sup>.

O feminino, no imaginário, acaba sendo portador de uma ambiguidade que ora oscila para a fragilidade, ora para a força. A exploração do trabalho feminino mostra como é grande a discriminação em função do gênero, pois o salário recebido pela mulher é sempre inferior ao do homem, que exerce a mesma função, mesmo nos casos em que pela “destreza” a produção torna-se maior.

O controle das idas ao banheiro (através das chapinhas) e da movimentação na fábrica é maior. A postura do sindicato em nada, ou quase nada, difere das práticas existentes nas fábricas. O jornal do sindicato publica sua posição:

O Sindicato tem posição muito clara a respeito do trabalho noturno da mulher, já expressa na última edição da TRIBUNA METALÚRGICA: não vê por que intensificar a exploração da mulher, aumentando sua jornada de trabalho e colocando-a em atividades impróprias à sua constituição física, num momento em que os homens se batem por empregos decentes e salários melhores. Seria assim como mandar a mulher à fábrica e deixar seu marido em casa. Uma estúpida substituição de funções.<sup>22</sup>

No discurso sindical, e masculino, a mulher trabalhadora não “condiz” com a sua natureza, uma vez que elas são frágeis pela constituição física. A substituição de operários por operárias cria o agravante do desemprego masculino. Por esta razão a substituição de funções é tão “estúpida” e para justificar essa posição evocam a tradicional divisão sexual do trabalho e uma suposta fragilidade física.

Por tudo isso, trabalhar fora de casa torna-se um inconveniente muito grande, só ocorre quando a família precisa aumentar os rendimentos e não consegue fazê-lo sem o parco salário que a

---

<sup>21</sup> *Tribuna Metalúrgica*, abr./ 1977, p. 9.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 8.

mulher obtém no mercado de trabalho.

O que ocorre em muitos casos com as mulheres metalúrgicas é semelhante o descrito por Michelle Perrot no estudo feito em França,

O século XIX levou à divisão das tarefas e a segmentação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto... Lugar das mulheres: a maternidade e a casa, cercam-na por inteiro. A participação feminina no trabalho assalariado é temporária, cadenciada pelas necessidades da família, a qual comanda, remunerada com um salário de trocados, confinada às tarefas ditas não qualificadas, subordinadas e tecnologicamente específicas...<sup>23</sup>

Se trabalhar fora é um pesar, o serviço doméstico, também, pode gerar uma grande insatisfação, pois além de cansativo e rotineiro existe a frustração de não ser reconhecida e a impossibilidade de poder fazer algo diferente da rotina da casa. Rotina, cansaço, falta de oportunidades e lazer, são as queixas mais frequentes,

Todo dia é a mesma coisa... Eu num vô num cinema, eu num vô numa festa, eu num vô num passeio. Num tem nada na minha vida. E assim eu vivo afundada nessa casa, chão adentro, sem tê diversão nenhuma na minha vida nenhuma... Levantar antes das cinco e trabalhar o dia todo? Não é porque a gente fica em casa é que não trabalha, sabe a maioria dos homens pensa, que a gente fica em casa, sem fazer nada... Em casa é aquela rotina...<sup>24</sup>

Com remuneração inferior, dupla jornada de trabalho e desvalorização, a solução alternativa desenvolvida por muitas mulheres é fazer em casa algum serviço remunerado, pois assim ela pode cuidar dos seus afazeres de mãe e dona de casa e ao mesmo tempo “ajudar” no orçamento doméstico.

---

<sup>23</sup> PERROT, M. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 186-187.

<sup>24</sup> Trecho do já citado depoimento de Nair T. Bernardes em 21 nov. 91

## O feminino e a sociabilidade

Dentro ou fora de casa essas mulheres surgem como indivíduos cheios de vida, como sujeitos que levam uma vida permeada de miséria e dominação, mas as que buscam alternativas para mudar sua condição e sua história. Nesse processo elas “... traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra, uma outra história”.<sup>25</sup>

Nessa outra história insere-se os desejos, o lazer, o projeto de vida e as amizades expressos nas falas e quando é possível, realizados. Assim, o casamento suscita sentimentos opostos, ele pode representar a libertação da família de origem ao mesmo tempo em que aprisiona a mulher em uma nova vida, é o que disse uma operária a Luis F. Rainho: “casamento é virar prisioneira, Deus que me perdoe. Se eu me separar dele nunca mais home mi pega para casá... a vida que a gente leva...”<sup>26</sup>

O aprisionamento surge a partir de uma vigilância ou submissão, que já pode existir num namoro sério, pois os moços são “machistas”, “pegajosos” e as mulheres sentem-se tolhidas em sua liberdade. Escapar dessa situação pode implicar no fim do relacionamento.

A sexualidade possui, em muitos casos, uma estreita relação com a maternidade. Os parceiros cobram-se, mutuamente, para o cumprimento das obrigações de marido e mulher, como nos contou Milton C. Bacarin: “então eu chegava em casa tomava um banho, jantava, né?, fazia o que tinha de fazer, ou com o estômago cheio ou com o estômago vazio, aquele compromisso do casal, no desespero de ficar junto com a mulher pelo menos um pouquinho né? eu não poderia chegar em casa e acabou e dormir”.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> PERROT, M. Op. Cit., p. 212.

<sup>26</sup> Depoimento de operária colhido por Luis Flávio Rainho, que foi publicado em: RAINHO, Luis F. *Os peões do Grande ABC*. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 145.

<sup>27</sup> Trecho do já citado depoimento de Milton C. Bacarin em 01 jul. 1991.

As dificuldades de ter e criar os filhos fazem com que muitas mulheres inibam o seu desejo, pois a falta de informação e recursos implica necessariamente no aumento da família o que, por sua vez, cria mais problemas. Algumas expressam a sensação de abandono por parte dos maridos, que dão mais atenção aos filhos do que a elas, a reação pode ser de indiferença ou procura de uma compensação como, por exemplo, evitar que se tornem feias ou que tenham mais filhos: “Mais eu também nem ligo. Disseram que muié que faz muito depois fica acabada, véia logo. Tá doido! Ele broto e eu véia? Isso não! Passa semana que nós não faiz nada. Mais eu também não quero fio, não. Até que us que eu tenho eu crio”.<sup>28</sup>

Negar-se ao ato sexual pode ser também uma forma de retaliação, de protesto, que surge a partir da insatisfação ou inconformidade (da mulher) diante de algum tipo de restrição. Como é o caso do personagem Nego Bláster, que tendo sofrido um acidente de trabalho passou a receber bem menos do que ganhava anteriormente. Como consequência precisou reduzir os gastos familiares e cortar as exigências que a mulher fazia, disso resultou que “até o balaio ela fechou pra ele, quando a renda começou a baixar...”<sup>29</sup>

Além do espaço doméstico a sexualidade permeia também o espaço da produção. Muitas mulheres, principalmente as solteiras, são constantemente assediadas pelas chefias. Um bom número consegue benefícios por aceitar uma “cantada”. São muitas as histórias de operárias que saem com seus superiores imediatos para conseguir uma promoção, uma máquina melhor ou a demissão. As operárias contam algumas dessas histórias,

uma que queria ser mandada embora. E o encarregado falou pra ela então: só mando embora se você for comigo pra Santos. Ela

---

<sup>28</sup> Depoimento de Mulher. In: RAINHO, Luis F. Op. Cit., p. 146.

<sup>29</sup> Fala de Nego Bláster, personagem do livro: SAMPAIO, Antonio P. *A capital do automóvel do automóvel na voz dos operários*. São Paulo: edições Populares, 1979. p. 54.

não aceitou e ficou trabalhando. Mas a turma tá de olho e acha que quando ela for mandada embora é porque aceitou a cantada do chefe

[...] na minha seção já aconteceu um negócio desses. A menina era e teve a infelicidade de ter uma filha, sabe como é. Por isso, o encarregado deu em cima dela. E ela queria pegar uma máquina para ganhar mais, porque precisava. Não sei se o encarregado conseguiu o que queria, só sei que a menina pegou a máquina.<sup>30</sup>

Os depoimentos mostram algumas situações. Primeiro a censura às colegas de trabalho que aceitam o assédio dos chefes para obterem o que desejam. Segundo a vigilância constante, entre as próprias operárias e por último a existência de uma situação infeliz, a de ser mãe solteira, pois criar filho sem a presença do pai gera bem mais problemas.

Muitos são os inconvenientes que conduzem à limitação da prole, em alguns casos essa decisão é consciente, nascida da dificuldade econômica ou do imperativo do projeto de vida, como disse Dona Nair: “só ela, eu não quis mais, porque aí eu pagava aluguel...”<sup>31</sup>

A necessidade de reduzir gastos ou a dificuldade de encontrar um imóvel para alugar são alguns dos problemas mais frequentes nas grandes famílias. Contudo, no imaginário, a família grande pode representar a riqueza no futuro pela inserção de vários membros no mercado de trabalho. Alguns operários pensam que ter muitos filhos é algo bom, já que quando eles crescem ganham salários, isso compensaria as dificuldades de criá-los quando são pequenos.

Até que os filhos atinjam idade para trabalhar, a família esforça-se para garantir a escolaridade, pressuposto básico para uma boa profissão. As mães querem que o futuro dos filhos esteja longe das fábricas. Esforçam-se para que estudem o maior número de anos, de preferência que eles consigam até cursar uma faculdade.

---

<sup>30</sup> Trechos de depoimentos de operários ao jornal sindical: *Tribuna Metalúrgica*, abr./ 1988, p. 10.

<sup>31</sup> Trecho do já citado depoimento de Nair T. Bernardes em 21/11/91.

A profissão que o filho talvez tenha pode representar um sonho próprio que não foi realizado ou uma projeção de ideias de beleza, limpeza e delicadeza que elas gostariam de ver em uma filha mulher, por exemplo, a depoente, Dona Nair Bernardes, que expressou a vontade de que sua filha fosse aeromoça.

Mas na maior parte dos depoimentos transparece a importância de uma escolha. Os pais querem dar aos filhos a oportunidade de decidirem, oportunidade que eles não tiveram em função da necessidade de garantir a sobrevivência deles e da família.

Muitas mulheres, normalmente as militantes, manifestaram a vontade de voltar a estudar, embora receiem não acompanhar os estudos com facilidade. Frequentar a faculdade significaria ter uma profissão melhor remunerada e menos desgastante, mas na realidade este sonho, na maioria das vezes, não “coube no bolso”, é o que nos contou Nice, ela disse que:

sonhava muito de estudá né, e chegá a fazê faculdade né, que eu não consegui, eu cheguei só no colegial e assim aos trancos e barrancos, parei de estudá três vezes.., eu pensava em sê jornalista, sonhava muito com jornalismo, na época eu cheguei a procurá faculdade que era do lado da escola que eu estudava, mas aí, quando eu vi o preço, eu fui fazê, fui pega meu salário e não dava para ajudá em casa, pega o ônibus prá estudá e pagá faculdade.<sup>32</sup>

A falta da escolaridade distingue a mulher operária da intelectual, no imaginário dos metalúrgicos, elas ocupam um nível diferente e, em função disso, não deveriam buscar ocupar um espaço que não seja correspondente ao do seu conhecimento. No discurso masculino o denominado nível deveria permear até mesmo a maneira como se apresentam em público:

---

<sup>32</sup> Depoimento de Nice, metalúrgica, trabalhou em várias empresas. Durante a entrevista era membro da Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, casada, mãe de três filhos. Seu depoimento data de 20/ 05/ 92, junto com Mana e foi dado à pesquisadora.

... Você não viu o Congresso das mulheres. As intelectuais, as feministas aparecem lá todas maltrapilhas, até com cabelo no sovaco, pra se identificar com as trabalhadoras. Mas, essas apareceram com as roupas delas, com os melhores penteados que podiam fazer, pintadas, com sapato novo... Senti um contraste tremendo: umas lá de cima querendo descer, e as lá de baixo querendo subir.<sup>33</sup>

Em nenhum momento o entrevistado, que naquele momento tinha um horizonte mais restrito ao universo da casa e fábrica, cogitou a possibilidade de que o fato das operárias estarem com suas melhores roupas representasse a vontade de estar bem vestida, de ser feminina, de fazer valer o direito à vaidade. A leitura feita é de ascensão social.

Constatamos que as mulheres cuidam da própria aparência da mesma forma como cuidam da casa ou da qualidade do produto feito na fábrica. No filme *Trabalhadoras Metalúrgicas*,<sup>34</sup> há uma cena em que podemos observar o intervalo de trabalho na fábrica. Durante o período, os operários conversam no pátio, alguns comem frutas ou doces, uma rápida passagem focaliza duas mulheres próximas, em que uma está tirando a sobrelha da outra, neste quadro observamos um instante de cultivo à individualidade presente no espaço da produção, a operária, mesmo de uniforme, quer estar melhor, mais bonita.

No sentido de ficarem mais bonitas, algumas mulheres compram “produtos milagrosos” veiculados pela mídia, é um dos

---

<sup>33</sup> Entrevista de Lula ao Pasquim. In: *Lula: entrevistas e discursos*. 2. ed. Guarulhos: O repórter de Guarulhos, 1981. s.d. p. 36. O Congresso mencionado por Lula só teve sua segunda edição trinta e dois anos depois, mesmo com a criação do Coletivo de Mulheres do Sindicato em 1978. Em 2010, o II Congresso de Mulheres Metalúrgicas contou com a presença do agora Presidente da República e da Ministra Nilcéa Freire e com a participação de 503 delegados, quando se fez a deliberação de um conjunto de medidas que foram propostas ao Sindicato.

<sup>34</sup> TRABALHADORAS METALÚRGICAS. Direção. Olga Futema/Renato Tapajós. São Paulo: ECA/USO e SMSBC, 1978, 1 filme (5 min.)

momentos em que o público invade o doméstico por meio da propaganda e apelos ao consumo. Nego Bláster conta que um amigo seu

... mostrou uma lista dos produtos de beleza que ela comprava, como se tivesse uma estrela de Hollywood em casa: Loção anti-acne, Gel refrescante Brise de France, Xampu Gel Anti-caspa, Nutri-Rich, Leite Essencial..., fora o que ele deixou de anotar na época em que estava trabalhando...<sup>35</sup>

Pode até ser que os homens achem supérfluos, mas para as mulheres cuidar da aparência pode representar uma satisfação pessoal, um rompimento com a rotina do serviço doméstico ou com a sujeira e impessoalidade da fábrica. Não faz sentido para a mulher circular da mesma forma nos diferentes espaços. Os cosméticos são comprados de uma empresa multinacional, Avon, e adquiridos por meio de pedidos efetuados a vendedoras autônomas, fato que revela a teia de relações que se forma no pedaço.

Sair de casa representa a oportunidade de fazer algo diferente. Quando as mulheres estão nos arredores da casa conversam com amigas ou participam de reuniões, de encontros ou associações. Algumas dessas oportunidades não constituem um momento de lazer propriamente dito, pois ao mesmo tempo em que exercitam a sociabilidade, muitas delas acabam produzindo algo para a família ou encontrando soluções para problemas semelhantes. As próprias mulheres buscam no pedaço elementos que penetram no doméstico.

O grupo de mães, por exemplo, pode ser o local onde se troca um conhecimento e se desenvolve uma habilidade importante para a manutenção do grupo familiar. Nesses encontros as mulheres aprendem a bordar, fazer crochê ou outro trabalho manual. A estratégia é a troca de conhecimento, uma ensina à outra aquilo que sabe fazer e muitas vezes focam a possibilidade de geração de renda.

---

<sup>35</sup> Fala de Nego Bláster. In: SAMPAIO, Antonio. Op.Cit., p.54.

Em alguns desses encontros, os organizadores promovem palestras com médicos, assistentes sociais ou outros profissionais, que orientam as mulheres sobre organização familiar, cuidados com a casa e com os filhos.

Duas coisas marcam esses encontros, a sociabilidade e a oportunidade de se aprender algo que trará benefício para a família em forma de melhores cuidados ou da redução do custo de sobrevivência.

Para essas mulheres sair de casa representa fugir da rotina. Não é um lazer propriamente dito, mas um momento de oposição ao trabalho doméstico, rotineiro. Pode representar uma oportunidade de descanso, sem a consciência de que o desenvolvimento de uma habilidade será no futuro mais um elemento de sobrecarga, pois além de lavar, passar e cozinhar, a mulher irá tricotar, pagar as contas da casa e ajudar no chamado “ganha pão”.

A mulher não vive sua experiência isoladamente, muito pelo contrário, a relação mulher/família está presente a todo instante, durante a circulação feminina nos diferentes espaços do cotidiano, durante a elaboração de estratégias de sobrevivência do grupo familiar.

Um conjunto de ações faz com que ela seja a grande figura dentro da família, pois ela organiza o espaço doméstico, educa os filhos e se lança no mercado de trabalho quando é necessário ampliar o orçamento doméstico.

Durante as greves, existiu uma constante movimentação da família que, ora estava em casa, evitando lugares de concentração de trabalhadores com a presença de força policial, ora ganhava as ruas do “pedaço” e da cidade, angariando suprimentos para a manutenção de outras famílias e participando de atividades ligadas ao movimento grevista.

A família vive os inconvenientes da condição operária, baixos salários, horários irregulares, doenças profissionais. A mulher se insere nesse modo de vida com naturalidade, colaborando para a sobrevivência durante o presente e no projeto de vida para o futuro, permeando todos os espaços do cotidiano, até

mesmo quando é discriminada, pois a discriminação representa a tentativa de obstruir um elemento que insiste em emergir: o feminino metalúrgico. Não foi apenas a mulher operária que se engajou na luta.

Feminino que poderá ser identificado na reconstrução da trajetória dos personagens da história, na qual o Fundo de Greve surgiu como necessidade para a manutenção da família operária durante as greves metalúrgicas.

A ameaça de intervenção mostrou a importância de a entidade estar, juridicamente, separada do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. O fundo permitiria suportar as dificuldades criadas pela suspensão do pagamento dos dias parados. Foi durante o III Congresso do Sindicato dos Metalúrgicos, que se discutiu a criação do Fundo de Greve, o qual acabou efetivado com a campanha salarial de 1979. A entidade surgiu, primeiro, como uma prática durante os 15 dias de greve, quando o bispo da região do ABC, D. Cláudio Hummes, declarou ao *Jornal Diário do Grande ABC*,<sup>36</sup> que todas as Igrejas estavam autorizadas a receber doações.

As mulheres, mesmo na militância, são discriminadas. No Fundo de Greve, elas acabavam reproduzindo as tarefas domésticas. Elas é que se responsabilizavam pela comida e armazenagem das coisas leves, quando não o homem carregava o saco para que a mulher fizesse a arrumação. Assumia, também, toda atividade de limpeza e serviço doméstico. Quando necessária no trabalho administrativo ela seria a secretária.

Mas, contou Maria Mendes que a maior discriminação deu-se na legalização da entidade. Quando da eleição da primeira diretoria “O presidente do fundo de greve era um homem, o tesoureiro era um homem... Quem tava na direção, era os homens”.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> ABCMSBCD. *Fundo de greve: da resistência a autonomia sindical*, 14/02/86, p.8. Documento arquivado no Centro Ecumênico de Documentação e Informação-CEDI, em São Paulo.

<sup>37</sup> Trecho do já citado depoimento de Maria Mendes em 21/05/92.

A discriminação pelo gênero circula em todos os espaços, às vezes disfarçada com o rótulo de cooperação, como no caso do Manifesto de mulheres publicado no Diário do grande ABC. Nele as mulheres colocam-se como acompanhantes dos trabalhadores na luta por melhores salários. Justificam seu apoio com a alegação de que são elas que vivem as dificuldades diárias de manutenção da casa.

Cabe, no entender das mulheres, aos trabalhadores a continuidade de uma luta que é justa e que trará como resultado a melhoria de vida. Por outro lado afirmam que a “luta dos trabalhadores é a luta da família do trabalhador”.<sup>38</sup>

Para os operários e suas famílias, viver com dignidade, qualidade, é poder ter uma casa decente, comida na mesa, escola para os filhos. É poder fazer parte de um universo de consumo de bens e serviços. Por esta razão, os movimentos grevistas de fins dos anos 1970 e início dos anos 1980 reivindicavam cidadania, que começa com salário justo, com o fim do processo de pauperização e com liberdade, que mesmo sob a batuta da ditadura militar permite reivindicar o que se precisa.

Recebido em agosto de 2010.  
Aprovado em outubro de 2010.

---

<sup>38</sup> *Diário do Grande ABC*. Mulheres manifestam seu apoio, s.p.